

FELIZ 2014!

Luiz Carlos Corrêa Carvalho
caio@canaplan.com.br

*“Porque há o direito ao grito,
Então eu grito”.*
Clarice Lispector

As grandes revistas internacionais na área econômica vem seguindo a tendência, nos países ricos, de um ano melhor em 2014. Há, de uma forma geral, otimismo na economia crescente dos EUA e mesmo no início de recuperação da economia nos países da União Européia, e no Japão. A China seguirá ajudando a puxar para cima o crescimento mundial em 2014 enquanto os outros países dito emergentes, entre eles o Brasil, não tem perspectivas à altura da visão otimista de 2014.

As mudanças tem sido assustadoras desde a crise de 2008. Seus impactos atingiram os diferentes países de uma forma chocante. Até o ano passado, a visão geral era a dos países emergentes conduzindo com liderança o crescimento mundial, o que deverá mudar em 2014:

Tabela: De volta ao Topo – Contribuição ao crescimento real global do PIB (US\$ bi)

Bloco	2013	2014
BRIC	458	500
G4	360	544

Fonte: Economist Intelligent Unit

Tal realidade faz voltar a equação de ricos e pobres, o que em teoria mereceria uma nova estratégia brasileira.

Dentre os países do bloco BRIC, o Brasil tem participação menor:

Tabela: O Brasil entre os Bric, US\$ bi (crescimento real global do PIB)

BRIC	CHINA	INDIA	BRASIL	RUSSIA
2013	345	69	23	21
2014	358	80	29	33

Fonte: Economist Intelligent Unit

No Brasil, o Estado tem sido um verdadeiro estorvo ao desenvolvimento, com carga tributária de 1º mundo, serviços de 5ª categoria, subtraindo a poupança privada e reduzindo os investimentos. O modelo de intervenção do Governo tem sido muito negativo às empresas no setor de energia, sejam elas públicas ou privadas.

Segundo a revista *The Economist* (Janeiro/14) “vale a pena lembrar que quase todos os anos desde a crise financeira de 2008, as expectativas otimistas tem sido decepcionantes. O maior perigo agora, é o próprio otimismo pois derruba o ânimo dos políticos por reformas”. Também importante é citar que o risco mais sutil, mas ainda pernicioso, é a complacência. Essa análise merece reflexão, não apenas pelos riscos de 2014, ou suas armadilhas, para a economia mundial, como também em relação ao Brasil e, nele a cadeia produtiva da cana-de-açúcar. De qualquer forma, falamos sobre expectativas e as derivadas delas. Imagine uma empresa multinacional gigantesca que veio ao Brasil para investir nas expectativas do setor canavieiro. Afinal, petróleo acima de US\$ 100/barril, etanol competitivo com a gasolina, cogeração de energia elétrica com base nas fibras da cana-de-açúcar, promessas da chamada 2ª geração de tecnologia e diversificação dos derivados da cana-de-açúcar. Afinal, enquanto a expectativa voa, a realidade se arrasta e como! E é essa realidade, a de uma política de governo que define preços abaixo do mercado internacional à gasolina brasileira, esmagando o etanol; o de leilões de energia misturando os tipos e gerando baixos preços à energia da biomassa; a política de crédito de carbono, a CIDE, assassinada pelo governo federal, que arrasa, arrasta e afasta o investimento privado.

No dizer de Alexis de Tocqueville, “a revolta vem não quando tudo vai mal, mas quando um período de progresso, durante o qual as expectativas crescem muito, é bruscamente interrompido”. É desse sentimento que trata este artigo:

Da sensação de estar o País a jogar fora todo um esforço de brasileiros na cadeia produtiva da cana-de-açúcar, gerando empregos descentralizados em todas as regiões, riqueza, esperança e melhoria de qualidade de vida; redução de emissão de gases do efeito estufa, de poluição local e regional; de redução de internações hospitalares; de empresas de bens de capital e da indústria de base a alimentar as produções agrícola e industrial da cana-de-açúcar; do desenvolvimento de tecnologia nacional no setor, do compromisso das empresas montadoras de automóveis em produzir motores flexíveis, e por aí vai.....

O Brasil fez uma revolução agrícola nos cerrados, encantando o mundo. Faz soja e milho duas vezes ao ano, cana no cerrado, produção intensiva com grãos, pecuária e floresta. Essa foi a revolução do mundo real brasileiro. Não revolucionamos com ideologia, mas com cérebro e mãos calejadas, com recursos próprios e sonhos transformados. Não revolucionamos com subsídios e discursos, mas com o suor dos que labutam ao sol, que produzem com todo o risco da produção agrícola, que carregam o fardo de um regime tributário canibal, de um regime político autofágico e sem desistir, jamais!

Há uma tese bem atual de mentes brilhantes de Harvard desenhando que momentos extremos merecem ações extremas. É o momento do setor canavieiro, que não tem condição de esperar as eleições de outubro/14, mas que não tem o direito de permanecer em silêncio, sofrendo com desconsiderações, inconsistentes análises e, lutas somente no centro da disputa de poder. É preciso salvar o Brasil!

Disse Nietzsche que “é necessário ter o caos cá dentro para gerar uma estrela”.

Essa esperança, no caso da cadeia canavieira, quando se vive no caos, são os elos de uma corrente cujos desejos estão tão bem avaliados no Brasil e nos EUA, que introduziram em sua lei de energia federal o etanol avançado da cana-de-açúcar. Tratam-se, pois, de desejos de direito, de investidores que acreditaram e que fizeram, assim, um produto “made in Brasil” de alta relevância, renovável, sustentável e moderno. O Brasil lidera, no mundo, a produção sustentável de energia.

Mas vamos a 2014. Sou um otimista e, mais que isso, acredito que no caos nasce uma estrela.

Em toda ação, mesmo visando o curtíssimo prazo, as pessoas fazem previsões. É um fato implícito ou explícito. Gostando ou não, as decisões das pessoas vem das expectativas do que o futuro seria.

Há uma questão, ligada à lógica do raciocínio humano, que seria uma tendência a tocar a vida como antes era. Trata-se do chamado cenário “continuismo”, tão comum em empresas ou governos, ou mesmo nas projeções com base nos dados do passado.

Em 2014, mais uma vez duas categorias de investidores e nações vão surgir: não apenas “os que tem” e “os que não tem”, mas também os com “vontades” e “poucas vontades”.

Onde se situará nisso o Brasil? E no Brasil, no setor sucroenergético, como ficarão as “vontades”?

Há, no ambiente de poder do governo federal atual a possibilidade real de mudança, por convicção? Ou somente 2014 será a luta, para se manter no poder, não contrariando o desejo do consumidor de gasolina bem barata, mesmo que prejudicando profundamente o caixa da Petrobrás e todo o setor do etanol?

Se há o desejo de mudança, não há traços, sequer, que indiquem isso!

O que segura a balança brasileira e o PIB nacional? O agronegócio brasileiro é tratado como deveria pelos governantes ou por ser tão amplo e enormemente distribuído não consegue o volume de voz que acorde o gigante adormecido? Como fazê-lo (o agronegócio) gritar ao mesmo tempo? Como fazer com que a surdez do Planalto se abra às vozes dos recantos canavieiros do país?

Tão em moda atualmente, J.K. Rowling (Harry Potter) disse que “palavras são, na minha nem tão humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia, capazes de ferir e de curar”. Não se trata, nesse texto, de ferir, mas de curar. Curar do mal dos dogmas, dos ódios de um passado distante; curar no sentido de permitir um olhar à frente, onde o Brasil gera renda e exporta bens de capital, produtos agroindustriais, know-how, de forma sustentável.

Em 2014 haverá a Copa do Mundo no Brasil, onde o país estará enfrentando nos campos de futebol a sua importância. E a Copa do Mundo terá todos os olhos sobre o Brasil! As nossas fraquezas expostas e a prioridade dos investimentos em novos estádios de futebol são fatos a conferir! E os investimentos na logística e infraestrutura? E as prioridades à produção?

Talvez 2014 seja um ano de choques políticos e mudanças econômicas. Eleições majoritárias para alguns países, como o Brasil e Índia, poderão mudar muito a feição de alguns setores econômicos como o da cadeia produtiva da cana-de-açúcar. Para os produtores, na cadeia, é uma outra expectativa de uma potencial importante mudança. Será crucial e agora é o momento da união das forças em torno do agronegócio brasileiro, não apenas pela perspectiva de curto prazo mas,

principalmente, para o futuro do país, sua presença na geopolítica global, seu orgulho e sua credibilidade.

